

# UZILHADAS BIFURCAÇÃO

[CARLA ZACCAGNINI]

## BIFURCAÇÕES E ENCRUZILHADAS: EPISTEMOLOGIA E ACASO

"Dejo a los varios porvenires (no a todos) mi jardín de senderos que se bifurcan."<sup>1</sup>

Em 2004, o artista alemão Gregor Schneider realizou o trabalho **Die Familie Schneider**, em que ocupou duas casas vizinhas e idênticas no bairro de Whitechapel, na região leste de Londres. É neste mesmo bairro pouco abastado, com suas construções baixas, casas de tijolo, e ruas labirínticas e estreitas, que centenas de turistas desembarcam em meses de clima mais ameno para uma visita guiada pelos locais onde o lendário Jack, o Estripador, cometeu seus assassinatos. Nada comparável, imagino, à sensação de violência experimentada pelos visitantes das famílias Schneider. Reproduzidos com exatidão em cada uma das casas, os detalhes de cada cômodo eram mundanos: as mesmas bitucas de cigarro no cinzeiro em uma sala sombria, a pilha de doces industrializados no centro de uma câmara sem mobílias ou janelas e o portão para crianças que bloqueava a entrada do sótão. Durante um período de quase três meses, estas casas foram habitadas por pares de gêmeos idênticos que executavam as mesmas tarefas, cada um em cômodo análogo na casa vizinha. Desde as ações corriqueiras, como a mulher que lavava a louça na cozinha, até as mais perturbadoras, como o homem que se masturbava atrás da cortina do banheiro ou a criança deitada na cama com a cabeça e o torso cobertos por um saco de lixo no quarto, tudo se repetia de maneira quase indistinguível na casa adjacente, como um pesadelo recorrente.

A idéia de diferença e repetição, embora com uma abordagem distinta, é um assunto que interessa a Carla Zaccagnini há algum tempo, e que ela vem desenvolvendo na série **Bifurcações e encruzilhadas**. **Sobre la igualdad y las diferencias: a casa ao lado** é o resultado de um projeto realizado na Bélgica em 2006. Nesta ocasião, a prefeitura de Assenede, Flandres, estava empen-

dendo a compra de todas as casas de uma das ruas da pequena cidade, uma ou duas por ano. Nesse meio tempo, até a finalização deste processo, as casas adquiridas eram mantidas fechadas, os pertences abandonados pelas famílias intocados. Este foi o ponto de partida para uma escavação arqueológica organizada por Zaccagnini, em que duas arqueólogas foram recrutadas para examinar e classificar os objetos deixados em duas dessas casas segundo os princípios de sua disciplina, mas buscando artefatos similares. A artista explica que "Por um lado, estava interessada em saber quais seriam os critérios de semelhança usados por elas e, sendo antropólogas acostumadas a ver objetos como índices de atividade humana, na maioria dos casos elas os agrupavam com base em seu uso e função. Por outro lado, me interessava saber o que estas duas famílias, que haviam morado lado a lado durante o mesmo período tinham em comum ou, melhor, haviam tido em comum e decidido deixar para trás."

Em outro trabalho da mesma série, **Sobre la igualdad y las diferencias: Casas gemelas**, realizado em Havana em 2005, Zaccagnini fotografou diversas casas originalmente idênticas, mas que foram modificadas ao longo do tempo por seus habitantes. Apresentadas como pequenos conjuntos, essas fotos revelam uma vontade de diferenciação irrefreável, num gesto que se torna ainda mais significativo dentro do contexto político cubano. De certa forma, esse é um trabalho emblemático da capacidade da artista de identificar certas estruturas existentes no mundo e, por meio de um jogo que delicadamente desestabiliza nossa percepção passiva das coisas, nos fazer olhar mais uma vez e seguir o caminho sugerido que leva ao questionamento da veracidade ou validade destas próprias estruturas. Questionadores, porém nunca panfletários; assim são seus trabalhos, pois não pretendem oferecer respostas prontas, mas sim examinar aquilo que é prontamente aceito como conhecimento ou, talvez, nos oferecer pistas que nos

levam a pensar sobre como o senso comum é construído. Para tanto, a artista utiliza elementos tão distintos como o espaço expositivo da galeria onde se realiza esta exposição quanto a linguagem como ferramenta de representação de conceitos. Em **Uma e três casas** a configuração original do edifício que abriga a Galeria Vermelho é revelada pela projeção do levantamento das construções anteriores sobre a fachada e através da prospecção arqueológica no verso da mesma parede. Por sua vez, os desenhos que compõem a série **Todas las descripciones son comparativas: grandes felinos**, selecionando de descrições tiradas de uma enciclopédia de animais os trechos dos verbetes que se referem a características de um outro grande gato do grupo – sem nunca realmente definir o bicho em questão – colocam em cheque a capacidade de representação da linguagem, que acaba por se anular em uma espiral tautológica.

É possível imaginar que esta vontade de entender o mundo esteja de alguma forma ligada ao fato de que Zaccagnini passou os últimos anos praticamente em trânsito, realizando residências e exposições. Em cada cidade, uma língua diferente, uma arquitetura diferente, diferentes estruturas sociais, políticas, institucionais. Cada trabalho, de maneira única, é o resultado de um encontro fortuito com uma determinada situação ou um determinado lugar. Nesse sentido, o acaso, fator proeminente em muitos dos trabalhos da artista, não é apenas um dado divertido; é um elemento inseparável de uma prática que se abstém de funcionar num plano puramente especulativo, partindo sempre de uma vivência, de relações e situações cotidianas, trazendo-as para dentro de um discurso artístico generoso, que gentilmente solicita que não sejamos apenas observadores. Assim, é necessário enveredar-se pelas bifurcações e cruzamentos propostos nesta mostra, que se estendem muito além dos objetos aqui expostos. Kiki Mazzuchelli

1. Jorge Luis Borges, *El Jardín de senderos que se bifurcan*, 1941.

# OBRAS E ENCRUZILHADAS

# OBRAS E ENCRUZILHADAS

## BIFURCAÇÕES E ENCRUZILHADAS / CARLA ZACCAGNINI

ABERTURA: 01 DE ABRIL DE 2008, ÀS 20H / PERÍODO: DE 02 A 26 DE ABRIL DE 2008 / TERÇA A SEXTA, DAS 10 ÀS 19H; SÁBADOS DAS 11 ÀS 17H.

VERMELHO / RUA MINAS GERAIS, 350 - SÃO PAULO - SP - 01244-010 / 55 11 3257 2033  
WWW.GALERIAVERMELHO.COM.BR / INFO@GALERIAVERMELHO.COM.BR

### OBRAS:

1.A/ COINCIDÊNCIAS: UNIÃO  
2005  
Fotografia

1.B/ UM EPISÓDIO TRÊS RELATOS  
2006  
Em colaboração com Keila Costa e Mila Milene Chiovatto  
três textos

2/ DOIS GUARDA-CHUVAS  
2006-08  
Texto e fotografia

3.A/ SEGUNDOS ENCONTROS  
2006-08  
Textos

3.B/ UM E DOIS CAMINHOS  
2006  
Fotografia

4/ UMA E TRÊS CASAS (PROJEÇÃO)  
2008  
Tinta látex sobre parede

5/ CORRESPONDÊNCIA  
2007-08  
Para Juan Manuel Perdomo  
Rótulos de cerveja dobrados, sem cortar  
nem misturar marcas

6/ TODAS LAS DESCRIPCIONES SON  
COMPARATIVAS: GRANDES FELINOS  
2007  
A partir de Enciclopedia de los Animales.  
Buenos Aires: Abril, Noguier, Rizzoli,  
Larousse, 1970  
Grafite sobre papel

7/ EL TÚNEL  
2006-08  
Em colaboração com Larissa Joachim  
diptico de vídeo

8/ SENDO DADOS...  
2005  
Serigrafia sobre papel, frente e verso

9/ SOBRE LA IGUALDAD Y LAS  
DIFERENCIAS II: A CASA AO LADO  
2006  
Em colaboração com Liesbet Sablon  
e Sofie Geelen  
Estudo comparativo de excavações  
arqueológicas em duas residências  
desabitadas de uma mesma rua  
Móvel desenhado por Leonardo Padilha

10/ SOBRE LA IGUALDAD Y LAS  
DIFERENCIAS: CASAS GEMELAS  
2005  
Série de fotografias de casas construídas  
iguais e transformadas ao longo dos anos

11.A/  
KLEUREN, KNIPPEN EN OPPLAKKEN A  
2006-08  
Seis livros de colorir com as mesmas  
imagens impressas pintados por  
diferentes pessoas utilizando conjuntos  
iguais de cem canetas hidrográficas  
A1 - Carla Zaccagnini  
A2 - Jaime Gilí  
A3 - Alan Quireyins, Liesbet Sablon, Sofie  
Geelen  
A4 - João Loureiro  
A5 - Filip Van Dingenen  
A6 - Marina Buendia, Teodoro Buendia  
Jacinto e Lucimara Matos Cruz

11.B/  
KLEUREN, KNIPPEN EN OPPLAKKEN B  
2006-08  
Seis livros de colorir com as mesmas  
imagens impressas pintados por  
diferentes pessoas utilizando conjuntos  
iguais de cem canetas hidrográficas  
B1 - Kiki Mazzucchelli  
B2 - Carla Zaccagnini  
B3 - Ana Luísa Dias Batista  
B4 - Antonio Claudio Paschoalique  
B5 - Leandro da Costa  
B6 - Robert Johansson

12/ UMA E TRÊS CASAS (PROSPECÇÃO)  
2008  
Prospecção estrutural do verso da  
fachada do edifício

AGRADEÇO A TODOS OS COLABORADORES QUE PARTICIPARAM DA REALIZAÇÃO DESTA EXPOSIÇÃO,  
EM ESPECIAL A ANA LUIZA PINHEIRO FONSECA

# BIFURCAÇÃO SUA DIVISÃO

Correspondência é uma série composta por origamis peculiares pois são feitos a partir de ready mades, os rótulos de cervejas industrializados, mas não prescindem da mão do artista. Uma mão só, porque a outra, devemos supor, está ocupada com um copo cheio. Nos encontramos às voltas com algo bastante familiar: diálogos entabulados ao redor de uma mesa de bar: "arte", "obra", "roubo", "trama", "real". O roubo de uma obra de arte? Uma trama real? Quem estava envolvido nessas conversas e para onde o assunto caminhou depois de formadas as palavras? Jamais sabemos. O que sabemos é que sempre há duas subjetividades envolvidas no trabalho: um falante capaz de mobilizar um repertório e um destinatário que o identifica, para usar a linguagem da ciência da comunicação. Compartilhamos também desse repertório e acabamos nos tornando mais um destinatário das palavras soltas na mesa de bar e que voltam a se estruturar nos trabalhos quando os vemos diante de nós. Essas obras são produtos do uso articulado da linguagem, da construção de significados, ao mesmo tempo em que indagam sobre os limites da comunicação.

É um problema antigo esse, e que há tempos instiga grandes pensadores. Como duas subjetividades conseguem se comunicar? Qual o grau de aproximação necessário entre elas para que haja comunicação? É possível falar em entendimento, ou são antes tentativas, aproximações e não algo que se possa realmente chamar de entendimento?

Usando o método cartesiano, das idéias simples às complexas, a artista decide, num outro trabalho, *El túnel*, partir de uma proposta bastante objetiva: encontrar a metade de um túnel que tem aproximadamente 500 metros de extensão. Coloquemos as coisas na forma de um problema de física<sup>2</sup>. Dois corpos partem, cada um de uma extremidade de um túnel, em direções opostas. O corpo A, partindo do lado esquerdo do túnel caminha em direção ao leste. O corpo B, partindo do lado direito do mesmo túnel, movimenta-se em direção ao oeste. Se

eles partirem ao mesmo tempo e estiverem com a mesma velocidade constante, se encontrarão na metade do túnel? Em primeiro lugar, o que quer dizer "ao mesmo tempo"? Os dois personagens do vídeo em exposição deveriam sair exatamente ao mesmo tempo: quando anoitecer. Mas quando efetivamente anoitece? Quando, na praia, os contornos da água e do céu não são mais identificáveis? Quando as luzes das cidades se acendem? Ou quando Drummond, o poeta, sente que é noite [É noite. Sinto que é noite / não porque a sombra descesse (bem me importa a face negra) / mas porque dentro de mim / no fundo de mim, o grito / se calou. Fez-se desânimo (...)]?

Bem, deixemos isso por enquanto. Anoiteceu. Os dois corpos partem, cada um com seu andar, o andar mais natural possível. Cruzam-se no túnel. Estabelece-se a metade do caminho, que talvez não tenha 250 metros de distância de suas entradas/saídas. Pode ser que, como no problema de matemática que a artista conta, depois do encontro, cada um dos "corpos" envolvidos comece a sair do túnel. Definindo a metade como o ponto em que se pára de entrar e se começa a sair, podemos afirmar que o encontro estabeleceu a metade.

Achar a metade, estabelecer os parâmetros: não é isso que permite o diálogo, ou antes, qualquer troca subjetiva? Não sem razão as frases (diálogos ou relatos de encontros) que entrecortam o filme e dão pistas sobre a trama acontecem em diversas línguas. Presenciamos o constante mudar de parâmetros.

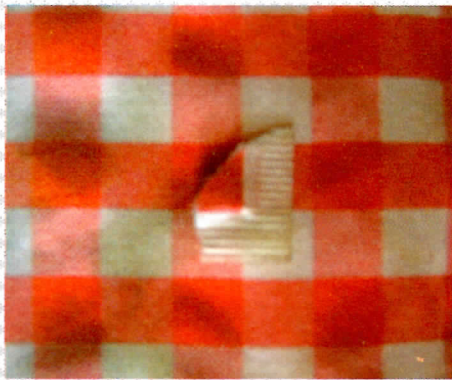
Mas a presença da metade aqui também diz respeito a uma tentativa de antemão fadada ao fracasso: a de estabelecer o ponto exato onde uma coisa deixa de ser o que era para tornar-se o que viria a ser. Quando nos apaixonamos por alguém? Quando viramos adultos? Quando anoitece? Num ponto qualquer, inidentificável. Nesse sentido, *Uma e três casas (projeção)*, trabalho que reconstitui a fachada original da galeria, e a revelação do que seria a camada primeira de tinta das três casas que deram origem àquele espaço, em *Uma e três casas (prospecção)*,

pode ser entendido como uma busca pela origem, pelo ponto zero, tão científico quanto inexistente. Tão buscado e sempre perdido. Tão idealizado quanto real.

Um outro trabalho, *Sobre la igualdad y las diferencias*, feito em Havana, menciona a idéia de uma construção arquitetônica original. O original, nesse caso, não está presente, mas é inferido. Nosso olhar se concentra nas mudanças. Há uma igualdade de base sobre a qual repousam as modificações particulares, feitas nas casas, ao longo dos anos, por seus moradores. De certa forma, uma metáfora e ao ar livre, ao alcance de todos, para um dos problemas mais presentes nos regimes socialistas. Como conciliar a igualdade como valor supremo conservando ainda o respeito às diferenças subjetivas? Partimos de duas casas iguais, embora saibamos que a igualdade é sempre relativa, e vemos duas casas diferentes. Sobre as igualdades e sobre as diferenças assentam-se ainda os dois outros trabalhos da exposição. Em um deles, a palavra-chave é a semelhança, em outro, a comparação (diferenças e seme-lhanças entre as coisas, se quisermos).

De que modo aqueles objetos de *Sobre la igualdad y las diferencias II: a casa ao lado* que foram retirados de duas casas vizinhas e abandonadas na Bélgica, podem ser vistos como semelhantes? Em que reside sua semelhança? Às vezes em sua função, às vezes em sua forma e outras em ambas. Havia lençóis nas duas casas, mas eram de cores diferentes. Ora, como diz o outro trabalho (*Todas las descripciones son comparativas: grandes felinos*): toda descrição se faz por comparação. Só somos capazes de formular um pensamento, de descrever, de explicar, de definir, de falar sobre algo, a medida em que somos capazes de relacionar coisas. Exatamente como acabo de tentar fazer com os trabalhos em exposição. **Thais Rivitti**

2. A artista mencionou numa de nossas conversas um problema matemático: um coelho atravessou um túnel de 10 metros. Quantos metros ele levou para sair do túnel? A resposta correta era 5 metros, pois os primeiros 5 ele estava entrando.



## A QUEDA

"La chance vient du latin cadentia, qui vient lui-même du verbe cadere (tomber). Dans le vocabulaire du jeu de dés, la kéanche, kéance, chéance, chance, designe le point que donne un dé en tombant (chéant) sur la table. La chance naïte d'une chute."

Paul Guth in *La Chance: notes et maximes*. Paris: Librairie Hachette, 1963. Livro encontrado por acaso, by chance, enquanto procurava *La disparition* (de George Perec) que, talvez por fazer justiça ao título, não consegui encontrar.

Era um sábado de manhã, no final da manhã, e íamos para uma dessas aberturas da Pinacoteca de São Paulo. A Keila ainda morava na Veiga Filho e íamos reto pelo trecho em que a rua se chama Jaguaribe, logo antes de virar à direita na São João. Pensando bem, talvez isso tenha sido na esquina da Veiga Filho com a Angélica, e não vejo porque entraríamos à direita na São João. Talvez não fossemos à Pinacoteca afinal. Faz tempo. A Mila estava dirigindo e não posso responder pela escolha do caminho que certamente não foi minha.

Era um sábado, tarde da manhã, e eu ia no banco do passageiro, à direita, portanto. E talvez tenha sido essa posição, e o descanso que é não estar atrás do volante e ter que decidir caminhos, que me fez ver com clareza a seqüência de movimentos que desembocou no fato. Íamos por uma rua residencial. Uma rua arborizada, com trânsito intenso e calçadas bem-freqüentadas. A jovem mãe empurrava orgulhosa o carrinho de primeira linha recheado com seu filho. O bebê devia ter cerca de nove meses, ia sentado, agasalhado. Devia ser inverno, portanto. Uma pessoa cruzou à frente do carro e desviou meu olhar, mas voltei logo a acompanhar o andar compassado e o deslizar das rodas pela calçada: ritmo constante, sem pressa mas sem devaneios. Se era um passeio em vez de um percurso, se não tinha um destino certo, era uma volta num quarteirão conhecido, repetida cotidianamente, sem aventuras. Sem surpresas.

Por uma falha no calçamento, uma das rodas da frente do carrinho estancou num buraco. O carrinho freou de repente. E o movimento dos braços da mãe que não pararam com a mesma rapidez ou presteza, empurrou para a frente o encosto. Somado à inércia do corpo e ao esquecimento ou desleixo que dispensara o cinto de segurança, esse movimento projetou o bebê para fora do assento. E o fez aterrissar no chão,

de braços, com o rosto sobre a calçada.

A cena foi de impacto e ainda comentávamos o episódio, o descuido da mãe e o susto da criança quando o semáforo esverdeou e viramos à direita na avenida que poderia ser a São João ou a Angélica ou outra.

Continuava a assistir os pedestres e vi o rapaz de uniforme bege, bege escuro, ou azul ou cinza, que atravessou correndo a avenida por onde íamos ou alguma das transversais. E acompanhei com os olhos seus passos rápidos, ainda no embalo da corrida – ou com pressa para que fosse logo o meio-dia. Empurrava um carrinho dos que usavam antes os carregadores de supermercado, aqueles com dois andares, mais altos e menos profundos que os que se confiam aos clientes. Os braços quase à altura do peito. Levava limões, empilhados, empacotados naquelas redes em que também vêm as cebolas, as laranjas e as batatas. Estas eram amarelas, como costumam ser as dos limões.

A avenida era algo escura e descuidada, talvez fosse mesmo a São João. E, por uma falha no calçamento, uma das rodas dianteiras do carrinho estancou num buraco. O carrinho freou de repente. E o movimento dos braços do rapaz, que não pararam tão rápido, inclinou para a frente o andar superior do carrinho. Somado à inércia dos corpos, esse movimento projetou um dos pacotes para fora do cesto e o fez aterrissar no chão. Alguns fios estouraram com o impacto, desmanchando a rede e liberando os limões que se espalharam rodando pela calçada. Virei a cabeça em direção contrária ao movimento do carro para mantê-lo em meu raio de visão e o rapaz não reagia. Parecia calcular os motivos de sua suposta falta de sorte.

## ACASO

Em uma tarde ensolarada de um sábado, passeávamos, eu e duas amigas, em um pequeno veículo vermelho conduzido por uma delas.

Descíamos a rua da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo enquanto, na calçada ao lado, um homem conduzia um carrinho de ferro em forma de L, com fechamentos laterais e duas rodas traseiras, repleto de limões soltos.

De repente, as rodas do carrinho foram detidas por algum obstáculo e, demonstrando a "Primeira Lei de Newton" ou "Princípio da Inércia", os limões foram arremessados ao chão.

Continuamos o nosso percurso.

Estávamos prestes a virar a esquina quando, na mesma calçada em que ocorreu o primeiro incidente, uma mulher conduzia um carrinho azul escuro de bebê, sem o fechamento frontal, com quatro rodas. O bebê transportado pela mulher estava solto, repetindo exatamente a mesma cena anterior.

Estranha a sensação de ver o bebê ao invés dos limões...

Exatamente neste momento virávamos a esquina e, portanto, não pudemos ver se a mulher - será a mãe? - reagiu a tempo para evitar a queda.

Nós três vimos às duas cenas e, perplexas, comentamos a circunstância e a coincidência dos fatos, tentando especular sobre o significado de tal acaso que, naquele momento, nos uniu ao homem, aos limões, à mulher e ao bebe. Chegamos à conclusão de que nada significava, além da existência e percepção do mesmo.

Hoje, relembro a história, concluo que, além da existência e percepção do acaso, a calçada da rua da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo estava em péssimo estado. Keila Costa

## AS COISAS QUE CAEM

Estávamos nós em um carro, indo não sei pra onde, já faz bastante tempo e como de costume conversávamos sobre coisas cotidianas, sem nos apercebermos que – de fato – trocávamos nossas impressões sobre a vida, o ser, o mundo.

Então passamos numa rua do centro, rumo ao largo do Arouche, sabe-se lá o que será que íamos fazer por ali.

O caso curioso é que a sucessão de fatos ficou na memória de forma muito mais referencial do que nossos motivos para estar naquela hora, naquele local.

Não me recordo sequer da seqüência dos fatos, mas me recordo de forma bastante presente que discutimos nossas crenças a partir deles.

Na calçada à direita, alguém passeando com um carrinho de criança, durante seu caminhar, encontra um obstáculo qualquer e o carrinho se desequilibra, projetando a criança para fora do carrinho.

Mais à frente, na mesma calçada, ao virarmos a rua, vemos alguém carregando fardos (creio que eram brancos) nesses carrinhos de carregador, e mais uma vez, diante de um obstáculo tudo se desequilibra e começa a desmoronar.

Todas percebemos ambos acontecimentos. A partir destes dois fatos, surpreendidas

pela similaridade entre eles e, ao mesmo tempo, pelo fato de, por estarmos naquela hora naquele local, termos presenciado ambos, passamos a discutir a (aparentemente) evidente relação entre eles.

Assim discutíamos se o fato de termos presenciado ambos fenômenos nos indicava uma clara relação entre eles.

A partir disto pensamos que talvez, esta relação pudesse indicar um discurso; o problema é que se indicasse, qual seria o significado deste discurso e, em última instância, quem seria o enunciador. Seguindo por este caminho, caberia perguntar ainda: para quem o discurso estaria dirigido, e qual sua função. Desta forma, imaginamos que seria um prenúncio, um aviso, um preságio de algum acontecimento futuro, ou, em outra medida, alguma conclusão, algum: "eu bem que te disse", mas em relação a que? Para qual de nós?

Por outro lado, também foi defendido (e me abstenho de citar nomes) que os eventos não tivessem nenhuma relação entre si, mas apenas nossa percepção da relação, então este possível discurso seria de nossa autoria. Ou ainda mais: não há discurso, mas apenas a percepção da relação, o que chamaríamos inocentemente de coincidência.

A questão ficou então dividida entre: teriam as coincidências sentidos ocultos que nos ultrapassam e poderiam nos dizer coisas que serviriam de guia para nossas ações na vida, ou as coincidências eram apenas isso: coisas aparentemente relacionadas, acontecendo em tempos próximos o suficiente para que as percebêssemos como relacionadas.

O que ficou para mim mais presente neste dia foi o fato de ter amigas com as quais posso partilhar de minhas impressões da vida; porém, como é sabido, o grande prazer de se estar com amigas é o fato de se poder discutir e não, necessariamente de se chegar a alguma conclusão.

O mais estranho, entretanto, é que embora não tenhamos chegado a um consenso e a discussão não tivesse alterado nossas crenças, estes fatos, relacionados ou não, significativos ou não, ficaram em nossa memória como algo ressaltado do fluxo da vida, como algo memorável, paradigmático. E talvez tenha sido este seu real significado.

**Mila Milene Chiovatto**

1. "Chance (em francês coincidência, sorte, fortuna; eventualidade, probabilidade; boa sorte) vem do latim cadentia que, por sua vez, vem do verbo cadere (cair). No vocabulário do jogo de dados, a kéanche, chéance, chance designa os pontos obtidos quando um dado cai (chéant) sobre a mesa. A chance nasce de uma queda."



FOTO: NICOLÁS ROBBIO

## OS GUARDA-CHUVAS

Gosto de natal, sempre gostei. Gosto de comprar e embrulhar presentes, de dar e receber embrulhos com coisas que não se esperam mas são justo o que estamos precisando. E começo a pensar nisso logo que entra dezembro. Gosto de escolher os presentes com calma, de procurar com tempo, de encontrar e ir comprando as coisas aos poucos, sem pressa nem trânsito nem fila no caixa.

Na terça passada saí para isso. Deixei o carro em frente à floricultura, e fui subindo a rua a pé, entrando nas lojas onde podia encontrar surpresas baratas. Uma chuva torrencial, que se anunciava sem convicção suficiente para me fazer levar guarda-chuva ou vestir jaqueta impermeável me prendeu na perfumaria. Cansada de esperar e me molhando um pouco entrei na Loja Japonesa, ao lado, onde podia encontrar bons presentes para as crianças. Um vestido de flores para a Lucía, uma camiseta de pólvora para o Lorenzo, pistolas d'água para o Julian. E vi pendurados, na lateral das estantes repletas de mercadorias, guarda-chuvas de cetim, estampados. Chamou-me a atenção de cara o de fundo laranja, com uma paisagem havaiana de mar e palmeiras. Lindo. E otimista. Acabei

escolhendo outros dois, floridos, para minhas tias mais velhas. E saí tendo que furar a chuva e pensando que era uma pena deixá-lo para trás, àquele. Pensei até que a minha tia mais jovem saberia apreciá-lo. E ainda no dia seguinte, ontem, enquanto escolhia mais presentes, continuava procurando quem pudesse merecer o guarda-chuva de praia paradisíaca.

À noite uma amiga ligou cancelando o cinema e propondo que fosse jantar, com ela, na casa de amigos comuns. Jogamos uma partida difícil de buraco e o jantar estava ótimo, com um pudim de leite digno de nota para a sobremesa. Essa amiga, integrante da dupla vencedora, disse que era seu dia de sorte, que tinha ganho também um guarda-chuva semi-novo. Um dos donos da casa saía do trabalho na hora do temporal, dessa tarde, e ouviu falar da sombrinha: que estava esquecida fazia dois anos e ninguém a tinha pedido de volta e que se alguém estivesse precisando podia levar. Ele estava, sim, precisando e viu potencial no objeto que levou para casa e deu de presente à visita, assim que chegou. O guarda-chuva recém-adquirido estava apoiado no braço da poltrona, parado obediente esperando. Era lindo. E otimista. Com o fundo rosa e algo gasto.

## SEGUNDOS ENCONTROS: LA ESPAÑOLA

No sé como se llama. Es española. No, no, los padres son españoles, vinieron en los 60, me dijo. Ella ya nació en Bélgica, aunque parecería tener más edad. Ya estaba regando las plantas para cerrar el restaurant cuando llegué, porque cuando anochece ya no se puede tener los locales abiertos, me dijo. Es peligroso, al vecino le robaron todo lo que tenía en caja. Entre dos, mientras uno le hacía mostrar algún producto en venta, el otro hacía lo que tenía que hacer, así dijo. Pedí una tortilla y una cerveza que no tenía, así que me trajo Duvel. Normalmente, con tres patatas sale una tortilla, pero estas eran un poquito grandes y tuvo que agregarles un huevo más, cuando ya estaban en la sartén. Operación delicada. Por eso estaba algo nerviosa cuando el hijo del medio, supongo, el de 17, le vino a preguntar que quería decir "amanece". Que amanece, que se hace de día, no? Me miró. Si, que se hace de día, dije yo. A los dos.

Una de las gatas, la más traviesa, cruzó la sala y se asomó a la puerta. Le gusta escaparse a la calle. Por suerte ya me había traído la comida cuando agarró a una y a otra en brazos para enseñármelas antes de llevarlas de nuevo para dentro. No las puede tener en el negocio, que a la gente no le gustan. Y que podía tener problemas, me dijo. Así pasamos de los gatos a los problemas y al costo de las cosas y de ahí a las consecuencias del euro en la vida diaria del belga "como uno". Como ella. Que todo estaba tres veces más caro, pero los sueldos seguían iguales. Que la vida estaba difícil. Más estando sola, ahora que se había divorciado. Y con los tres hijos. El más grande ahora trabajaba y podía ayudarla, por suerte, porque después que había cumplido 21, ya ni le tocaba la pensión del padre. Cien euros por cada uno de los otros dos, nada más, recibía. Y sólo la escuela le salía ochenta y cuatro. Para cada uno, supongo. Igual no era suficiente. El exmarido y con-la-que-vive-ahora tienen una cuenta en el banco, con cien mil francos de los de antes.

Tres días después me la encontré en el supermercado. Y no era el más cerca de su restaurant, ni el más cerca de mi casa. Yo compré pocas cosas, para la cena, ella varios embalajes de tres o cuatro productos. Mucho aceite. Para freír tortillas, supongo. Nos tocó elegir la

misma caja y le tocó estar justo detrás mío. Yo ya estaba guardando el vuelto cuando me saludó torciendo la cabeza. Este mundo es muy chico, me dijo. Muy chico. Y las posibilidades no son tantas.

## SEGUNDOS ENCONTROS: O SETTER IRLANDÊS

Há cerca de oito anos, oito anos e um ou dois meses, para pôr data mais precisa e menos exata, aluguei meu primeiro apartamento, na rua Monte Alegre. É possível, até, que esse fosse o dia mesmo da mudança, já que algum motivo me mantinha na rua, na frente do prédio, e bem podia ser o descarregar de caixas de objetos delicados, dos pequenos e médios, já que estava sozinha, disse me lembro. E lembro de ter visto primeiro o cachorro, um setter irlandês como o da minha tia. Mais bem-tratado, bem-tratadíssimo, com o pelo escovado e brilhante que até parecia polido. Um lustro. Cachorro forte, bonito, com um andar firme e calmo como os meus nunca tiveram. Seguido de perto por um belo par de pernas. Logo vi as pernas, por estarem à mesma altura em que mantinha os olhos, atentos como os de quem faz ao mesmo tempo outra coisa que oito anos depois já não lembra. Ele estava de bermuda e tinha um par de tênis claro, bege talvez, ou branco já sujo. E fui seguindo as pernas para cima e me

felicitando pela escolha de uma rua assim, bem-freqüentada. Ele saía de trás de uma árvore e da cintura para cima se via pouco, entrecortado ainda pelos galhos. Mas andava bonito. Continuou andando e eu esqueci um pouco da tarefa que me mantinha ali e agora não tem importância. A camiseta era vinho, se não me falha a memória. E das mangas, curtas, saíam já as mãos, coladas direto nos ombros. Você sabe, essa má-formação causada por algum remédio, para enjôo, acho, que as mães se arrependem de ter tomado durante a gravidez. A mão direita segurava sem esforço visível a guia azul-escura que acabava de volta no setter irlandês.

Há pouco mudaram o sentido das ruas Ministro Gastão Mesquita e Vanderlei, nos quarteirões mais próximos à avenida Sumaré, de lados opostos. E, com isso, mudaram também meu caminho de muitos lugares para casa. Outra casa. Agora viro da Cardoso de Almeida na Vanderlei e venho toda a vida por ela, que depois se chama Coronel Melo de Oliveira e me deixa a um quarteirão de onde moro. Estava cruzando a que segue à Monte Alegre quando o vi, de novo. Desta vez, de dentro do carro em movimento, vi logo as mãos, que me trouxeram de volta a lembrança daquela outra vez, sem demora. Conferi o cachorro pelo retrovisor e era o mesmo. Oito anos mais velho e mais calmo, o pelo sem o mesmo brilho penteado com a mesma atenção.

